

Povos Indígenas no Brasil

Fonte FOLHA DA TARDE

Class.: 355

Data 08/05/80

Pg.:

NOTICIÁRIO GERAL

190

NOBRE DA VEIGA CRITICA A FUNAI

BRASÍLIA (FT) — Com um inesperado discurso, o cel. Nobre da Veiga, presidente da Funai, encerrou ontem o clima de tensão que havia desde segunda-feira entre os Xavantes e o órgão. Ele acusou "os funcionários corruptos" de serem os principais responsáveis pelos desentendimentos entre a Funai e os índios.

"Não temos nada a esconder. Encontramos uma Funai esfacelada, o Departamento Geral de Operações não tinha seções. Havia muitos assessores. Os funcionários da Funai alteravam nomes de rios. Estes funcionários estão, hoje, bem situados na vida, são donos de postos de gasolina, mansões, fazendas", disse.

A crítica do presidente estendeu-se ainda a seus antecessores, por nunca terem registrado as terras dos índios, "que não estão oficializadas diante do patrimônio da União". Esses funcionários — acentuou — estão desenvolvendo uma campanha contra o atual presidente, por não aceitarem sua sistemática de trabalho, que consiste em fazer visitas às delegacias sem qualquer aviso.

"Aí encontramos funcionários brincando. Se não entendem de administração, como vão entender de assistência ao índio? E os índios perdidos?" — disse o coronel.

Seu discurso, feito diante dos 31 líderes Xavantes, foi

um desabafo sobre a Funai, cujo orçamento, para a maioria das delegacias, "é ridículo" em comparação à ajuda dada aos Xavantes. Nobre da Veiga acentuou ainda que não faz concessões "nem aos colonos, nem aos índios, nem a ninguém". Reafirmando seu propósito de cumprir a lei, negou a "estadualização", dizendo que os Estados apenas vão ajudar, mas não exercer a tutela.

Quanto à presença dos coronéis nos postos de direção da Funai, Nobre da Veiga lembrou que a Constituição não proíbe a contratação de coronéis, dentistas, médicos: "Contrato quantos coronéis quiser". Ele prometeu também que, a partir de agora, as comunidades é que vão dizer o que precisam para seu próprio desenvolvimento, reivindicando junto à Assessoria de Planejamento.

POLÍCIA

Antes do encontro entre os Xavantes e o presidente e funcionários da Funai, com a presença da imprensa, especialmente convidada, e dos deputados Modesto da Silveira (PMDB-RJ) e Carlos Bezerra (PMDB-MT), a Funai foi novamente cercada pela Polícia, desta vez mais discretamente do que no primeiro encontro, segunda-feira. Havia apenas duas "patrulhinhas" e membros da Polícia Federal.



Aniceto, um dos chefes Xavantes que discursaram no encontro

DISCURSOS

O primeiro a falar foi Warodi, cacique de todos os Xavantes, filho de Apoena. Seu discurso, feito no idioma xavante, foi imediatamente traduzido. Warodi lembrou mais uma vez que as terras reivindicadas são dos índios e que "desde quando o coronel entrou as coisas foram todas cortadas". E acrescentou: "Por isso não tive mais paciência de ficar. Nós mes-

mos estamos reparando que os funcionários não gostam de receber os índios. Parece que eles não querem que os índios evoluam, se desenvolvam".

Além de Warodi, discursaram os chefes Aniceto, Pedrinho, Cipriano, Abraão, Raimundo, Benedito e Benjamin. Tanto Pedrinho como Aniceto, ambos da Reserva de São Marcos, dirigiram a palavra ao ministro Andreaza, pedindo, entre outras coisas, a saída do cel. Nobre da Veiga. Pedrinho protestou porque "no outro encontro fomos recebidos como bandidos. Nunca recebemos presidente da Funai com guerreiros armados. Não queremos o coronel Nobre da Veiga como presidente da Funai. Ele não vai mais pisar nas nossas terras". Aniceto protestou contra a "estadualização" e Cipriano afirmou que os Xavantes estão em Brasília para "limpar as maldições da Funai". Depois de todos os discursos e en-

cerrado o desabafo do cel. Nobre da Veiga, Martinho, um dos guerreiros de Couto Magalhães, abraçou o presidente, que informou aos índios sua disposição de reestudar o problema de Pimentel Barbosa. Amanhã, os líderes voltam para suas aldeias.